

QUINTA-FEIRA • 14 DE JANEIRO DE 2016

Diário do Minho

Este suplemento faz parte da edição n.º 30916 de 14 de janeiro de 2016, do jornal Diário do Minho, não podendo ser vendido separadamente.

IGREJA^{VIV}

REPORTAGEM

OS LEGADOS DA FE

DA CONSERVAÇÃO AO RESTAURO

— P. 4-5 —

O NOME DE DEUS É MISERICÓRDIA E UM CRISTÃO ESTÁ SENTADO NA CÁTEDRA DE PEDRO



PAULO TERROSO

PADRE

Com o Papa Francisco não há surpresas. É um homem previsível. E não falo da previsibilidade da imprevisibilidade. Embora estejamos consciente ou inconscientemente convencidos do contrário. Passados quase três anos da sua eleição, relendo à distância o seu primeiro *Angelus* de 17 de Março de 2013, e passando o pontificado em revista, a misericórdia está ali, preto no branco, como programa do pontificado. E Francisco é previsível porque o seu pontificado, mesmo em contínuo discernimento, desde o início, é tão simples, claro, concreto e profundo quanto é o Evangelho. A estupefação perante os gestos, as escolhas e os discursos, essa imprevisibilidade que faz notícia, abre telejornais, gera gostos

e partilhas nas redes sociais existe em grande parte porque se ignora o Evangelho. Ignora-se o cristianismo. Ignora-se que na cadeira de Pedro está um cristão, para pedir emprestadas as palavras a Hannah Arendt. A filósofa política alemã de origem judaica, no seu livro "Homens em tempos sombrios", tem um texto extraordinário sobre o Papa João XIII intitulado "Angelo Gisuppe Roncalli: um cristão no trono de São Pedro de 1958 a 1963". Com ironia, a discípula de Heidegger interrogava-se como era possível que um cristão se sentasse no trono de São Pedro. Perguntava ela, a propósito de João XXIII: "Ele primeiro não teve de ser indicado bispo, e arcebispo, e cardeal, até ser finalmente eleito como papa? Ninguém tinha consciência de quem ele era?" Pelos vistos não.

Trago à liça este texto de Hannah Arendt porque esta Terça-feira passada, na apresentação do livro do Papa Francisco "O nome de Deus é misericórdia", o actor Roberto Benigni colocou as questões que todos nós colocamos sobre o pontificado do Papa Francisco sem se furtar a dar-lhes uma resposta, e uma resposta surpreendente. Perguntava então

Benigni: "O que é que está a fazer o Papa Francisco? Qual é a sua missão? O que é que está no centro (coração) do seu ministério? Para onde está a caminhar o Papa Francisco?" Resposta de Benigni: "Está a levar a



Igreja para um lugar do qual quase nos esquecemos, já não o imaginávamos, em direcção ao cristianismo, em direcção a Jesus

Cristo, em direcção ao Evangelho". O problema de Benigni é que a sua genialidade é facilmente traída pelo seu comportamento quase histriónico. Quem o escuta é inebriado pelo estilo extravagante e explosivo do discurso e tem dificuldade em colher a substância. Certo é que Roberto Benigni, tal como Hannah Arendt, cada um a seu modo, colocam-nos uma questão inevitável, que merece ser respondida: como é possível admirarmo-nos e surpreendermo-nos com um Papa que é cristão? Ou seja, um Papa que vive e anuncia o Evangelho.

Mais ainda, citando o cardeal Walter Kasper, é de perguntarmo-nos como é que na reflexão teológica a misericórdia é "um tema imperdoavelmente desconsiderado", marginal, quase inexistente nos manuais mais recentes de teologia dogmática. Conclusão do cardeal alemão: "O resultado não pode ser senão decepcionante, mesmo catastrófico".

Que o nome de Deus é misericórdia e que um cristão esteja sentado na cátedra de Pedro não é surpreendente. Surpreendente é termos esquecido quem somos: cristãos.



PAPA FRANCISCO
@pontifex_pt

12 Janeiro 2016

Se nos entregarmos ao Senhor, podemos vencer todos os obstáculos que encontramos no caminho.

08 Janeiro 2016

Quando o mundo dorme no conforto e no egoísmo, a missão cristã é ajudá-lo a acordar.

D. JORGE ORTIGA
@djorgeortiga

11 Janeiro 2016

Pedro, André, Tiago e João deixaram tudo ao convite de Jesus: "Vinde comigo..." E tu!? Como respondes ao chamamento de Jesus?

O nome
de Deus
é Misericórdia

NOVO LIVRO DO PAPA JÁ ESTÁ DISPONÍVEL NAS LIVRARIAS

O novo livro-entrevista do Papa foi publicado esta Terça-feira em 86 países, incluindo Portugal, com o título "O nome de Deus é Misericórdia". No seu livro, Francisco defende que "a Igreja não está no mundo para condenar, mas para permitir o encontro com (...) a misericórdia de Deus". A obra resulta de uma conversa com o vaticanista Andrea Tornielli, do jornal italiano *La Stampa*, e inclui ainda a Bula de Proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia, que explica o porquê de o Papa ter proclamado este Ano Jubilar.



HÓSTIAS FEITAS NA PRISÃO NO JUBILEU DOS MIGRANTES

Este Domingo, 17 de Janeiro, é celebrado o Jubileu dos Migrantes, data coincidente com o 102.º Dia Mundial do Migrante e do Refugiado. Mais de 5 mil migrantes participarão no *Angelus* com o Papa. O Presidente do Pontifício Conselho da Pastoral para os Migrantes e Itinerantes, Cardeal Antonio Maria Veglió, é quem celebra a missa no Vaticano. As hóstias que vai consagrar para a comunhão da missa serão preparadas por detidos do cárcere de máxima segurança de Opera, em Milão.



AUMENTA NÚMERO DE CRIANÇAS QUE FOGEM DA GUERRA SOZINHAS

O número de crianças e adolescentes que fogem sozinhos da guerra no Iémen, à procura de refúgio na Somália, é, segundo o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados, superior a 168 mil. "Mesmo com uma rede de serviços comunitários a apoiar o ACNUR e parceiros, alguns casos ainda nos escapam, particularmente aqueles que não chegam pelas principais cidades costeiras, onde os nossos centros de acolhimento estão localizados", lamenta Miriam Aertker, oficial no terreno.

PERPÉTUA QUARESMA



MIGUEL MIRANDA

PADRE

De entre os piedosos exercícios espirituais que tanto se recomendam ao cristão, um há – a Via Sacra ou Caminho da Cruz – que, talvez hoje excessivamente amarrado à Quaresma, é vivido ao jeito dolorista, numa linha sacrificial que parece esquecer essas palavras que Cristo manda os fariseus aprender em *Mt 9,13*: “Prefiro a misericórdia ao sacrifício” (e que tão actuais se tornam, neste Ano Santo). Daí o terem-se popularizado em anos mais recentes, quer a via sacra dita “alternativa” (com diferentes estações), quer a famigerada 15^a estação (a Ressurreição), como se o crente, tal como tem o tão reivindicado direito à alegria, não tivesse também o seu direito à tristeza.

Vem isto a propósito de “Estações da Cruz” (2014), filme que chega da Alemanha, escrito por Dietrich e Anna Brüggemann (presume-se esta a esposa) e realizado pelo primeiro. Dividido por separadores que vão marcando a passagem das estações, a obra, Urso de Prata em Berlim 2014 para melhor argumento, como

que reúne um conjunto de 14 curtas-metragens (alguns dos quadros poderiam sê-lo, efectivamente), muitas delas de plano único ou que para lá caminha – porque único é também o espaço que cada estação “invade” – resultando numa proposta formalmente minimalista, mas muito estimulante na (apetece dizer) subtil subtileza do que se revela e se vela; nos quadros da celebração do Crisma e do confessionário (em que Simão de Cirene ajuda Jesus a carregar a cruz), Brüggemann não mostra propositadamente os rostos do Arcebispo Forgeron e do Pe. Weber. No quadro da celebração do Crisma, durante toda a homilia, a profissão de fé, a imposição das mãos e a oração de bênção são como vozes sem rosto, sem humanidade; são como se não

da anorexia. O seu nome é Maria. Frequenta a escola da Sociedade Sacerdotal de São Paulo (impossível não trazer à memória a Fraternidade Sacerdotal de São Pio X), congregação de radical tradicionalismo que diaboliza o Vaticano II por ter abolido o latim e o Inferno, que afirma um mundo mergulhado em influências satânicas e que, no respeitante à carne, prefere-a sem dúvida no prato, assada, do que por aí à solta.

A premissa é estabelecida logo na “primeira estação”, em que a sala de aula faz as vezes de Sinédrio. O professor (o “jovem” Pe. Weber, sempre impecável na sua encabeçada batina) fala para meia dúzia (literalmente) de crianças, preparando-as para a vida após o Crisma. Ensina-lhes que devem



existissem, como usa Isaías para exaltar a grandeza de Deus (*Is 40, 17*).

Ocupa o centro do filme (também parcialmente rodado em França) uma catraia pálida, chorosa (em lágrimas estranhamente vizinhas das da Petra von Kant do não por acaso também alemão Fassbinder, lágrimas que esconjuram a repressão) e a caminho

ser “soldados de Cristo” – ideia recorrentemente reformulada: “Mantêm-te em guarda”, repetirá mais tarde por diversas vezes a Maria, do outro lado da gelosia do confessionário – e “salvadores de almas” que têm no sacrifício a melhor ascese para crescerem no amor de Deus.

Embalada pelas palavras do Pe. Weber, nasce em Maria o desejo de ser santa e ir ter com Deus. Quer oferecer a sua vida para que o pequenito irmão Johannes possa recuperar do que parece ser autismo. Mas ao mesmo tempo encontra Christian, um colega, que lhe lança o desafio da amizade, o que a leva a mentir à mãe (uma senhora severa e asquerosa, que dia sim-dia sim embirra com Maria e a trata com extrema rudeza a propósito e a despropósito) e, como penitência, a reparar o que fez (o que agrava ainda mais a relação com a mãe, da qual só a *babysitter* francesa, Bernardette, a protege). É entre “a verdadeira fé” e o mundo que a tensão cresce e o combate se trava (“Pode-se gostar de Deus e de música *pop*?”).

A primeira leva a melhor. Maria acaba por levar às últimas consequências a sua decisão, morre e é sepultada. Já que tratamos de estações, vai da Primavera ao Inverno enquanto o mafarrico esfrega um olho. Há uma sequência arrepiante, quando o Pe. Weber lhe administra o viático na cama do hospital, provocando-lhe a paragem respiratória fatal; porque a menina, que se vinha recusando a comer, não estava ainda preparada para ingerir alimento sólido. Assim como assim, talvez não tão arrepiante como o discurso da mãe na funerária no momento da escolha do caixão – o delírio de quem sabe que o tempo não volta atrás como na cantiga.

Tudo isto filma Brüggemann com muita discrição. O modo como impede que a câmara invada o “perímetro de segurança” dos personagens, esse afastamento, traduz respeito pela intimidade, seja na sala de aula, seja em casa da família. Falhado só mesmo o desmaio de Maria na celebração do Crisma – dispensava-se bem o amadorismo patético desse momento.

30
JAN

CENTRO
APOSTÓLICO
DO SAMEIRO

09h30 - 19h00

INSCRIÇÕES NOS SERVIÇOS CENTRAIS
OU WWW.ARGUIDIOCESE-BRAGA.PT

“RECEBE E
OFERECE A
MISERICÓRDIA”

AGENTES DE
PASTORAL DA
EDUCAÇÃO CRISTÃ

RETIRO

Orientador

Pe. Manuel Morujão

OS LEGADOS DA FÉ

TEXTOS: FLÁVIA BARBOSA

A nossa matriz cristã exige-nos, desde sempre, um profundo respeito pela criação divina, onde se encontram compreendidas todas as coisas do Homem e da Natureza. Cuidar, preservar e manter a nossa “casa comum” são princípios morais e cívicos que todos, enquanto cidadãos e cristãos, devemos seguir. Na anterior edição do suplemento *Igreja Viva* já conseguimos perceber parte da importância da preservação de arquivos para a Igreja. Mais do que inventariar ou guardar documentos, trata-se de “guardar a memória viva da fé cristã e da mensagem do Evangelho” (D. Francesco Marchisano). Memória, tradição, passado e presente caminham de mãos dadas. À medida que o tempo avança, há um património histórico-cultural criado por todas as comunidades que vai muito para além de bens ou valores económicos. O património eclesial, de acordo com a nota “Património Histórico-Cultural da Igreja”, elaborada pela Conferência Episcopal Portuguesa em 1990, é “constituído pelos valores materiais ou imateriais, tangíveis ou intangíveis, nos quais se consubstancia um legado precioso” da Igreja Católica. Mais do que propriedade, este património é símbolo de devoção religiosa, fé e vida. Se for destruído ou ignorado, é aniquilada uma parte da tradição cristã. “O nosso património espelha cultura, espelha fé, espelha uma época. Se adultermos isto, estamos a apagar completamente uma civilização, uma parte da nossa história e uma manifestação riquíssima daquilo que foi a fé dos nossos antepassados. Não temos o direito de fazer isso, de apagar a memória passada como se só nós existíssemos e como se tudo tivesse começado a existir agora que viemos ao mundo.

O mundo esteve muito antes de nós e seguramente há-de seguir muito depois de nós”, afirma o cônego José Paulo Abreu, Presidente do Instituto de História e Arte Cristãs (IHAC) da Arquidiocese de Braga. Desde o início dos séculos que a linguagem artística dialoga com a Igreja, ajudando a criar instrumentos essenciais ao exercício da missão cristã, instrumentos que perpetuam a fé, evangelizam, educam e catequizam os povos. Em 1988, a Constituição Apostólica *Pastor Bonus*, promulgada pelo Papa João Paulo II, criava a Comissão Pontifícia para os Bens Culturais da Igreja, destinada a “conservar com a máxima diligência” todo o património eclesial, histórico e artístico. Já na altura se afigurava como evidente a importância da conservação no que à defesa do património diz respeito.

“Para defender o património temos quatro degraus aos quais não podemos fugir. Um deles é o do registo: não defendo o que é meu se não o registo no nome de quem pertence. Outro diz respeito à conservação preventiva. Esta conservação obriga-me a estar atento, a acondicionar devidamente as peças, a ter cuidado com os factores de degradação e a evitá-los. Outro degrau inevitável passa por um inventário daquilo que possuo, sob pena de poder ser roubado, ou de nem sequer saber que o património existe, não me preocupando com a sua conservação. Quando, mesmo tendo cuidados, o património vai apresentando fenómenos de degradação, chego à fase em que é necessário restaurar aquilo que se degradou”, explica o Presidente do Instituto.

As acções de restauro não pretendem criar novas peças ou património, mas antes respeitar os vários séculos de memória histórica, devolvendo às peças degradadas ou danificadas a sua beleza e riqueza originais. Consciente da importância deste processo para a vivência da fé, a Arquidiocese de Braga criou, em Janeiro de 2001, o Gabinete de Conservação e Restauro.



CÓNEGO JOSÉ PAULO ABREU
PRESIDENTE DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E ARTE CRISTÃS (IHAC)



ENTREVISTA MULTIMÉDIA
www.arquidiocese-braga.pt



DA CONSERVAÇÃO AO RESTAURO

explica que outros estragos rotineiros estão associados aos altares e resultam da excessiva utilização de pioneses para prender as toalhas. Os pequenos – e aparentemente inofensivos – pregos massacram a madeira e originam buracos de maior ou menor dimensão. Se a formiga branca é difícil de evitar, estas duas últimas situações podem ser contornadas através daquilo a que se chama conservação preventiva.

O Gabinete vê o seu funcionamento garantido através de duas salas. A primeira é onde está instalada a oficina de marcenaria, a sala a que chamam de “suja”. Não é difícil perceber porquê: o chão está coberto de serrim, poeira, pequenas lascas de madeira. Casimiro Ferreira, o entalhador do Gabinete, não se deixa incomodar pelo ambiente. É a primeira pessoa que vemos quando visitamos a dependência: está a

trabalhar numa peça de grandes dimensões que apoiou engenhosamente em

cavaletes. De pé, o responsável lima, lixa, escava, “desenha” a madeira, dá-lhe forma. É com satisfação que nos mostra as ferramentas que utiliza e que ajudam a dar vida às peças. “Goiva torta, palhete, goiva fechada, formão, goiva crespinha”. São muitos os nomes que nunca ouvimos. Aquilo que para nós soa estranho é natural para o entalhador de profissão há mais de quarenta anos.

Quando abandonamos a sala onde se encontra Casimiro

– a mesma onde se fazem higienizações e desinfestações de madeira – visitamos a sala onde decorre a segunda fase da maior parte dos processos de restauro, a sala “limpa”.

Não conseguimos esconder a nossa perplexidade mal entramos.

O cenário que vemos à nossa frente é, em quase tudo, semelhante ao de um bloco operatório. Duas técnicas de conservação e restauro, Joana e Juliana, apresentam-se de luvas e bata branca. Estão curvadas sobre o “paciente”, neste caso uma escultura pertencente a uma igreja da Arquidiocese. As duas empunham bisturis e cotonetes à luz de duas lâmpadas especialmente instaladas no local para

lhes permitir maior visibilidade. Milímetro a milímetro, camada a camada, raspam a pintura superficial que cobre a escultura. Estão a fazer aquilo a que se chama levantamento de repinte. O objectivo é recuperar a cor original da imagem. O trabalho que as duas responsáveis estão a levar a cabo – com recurso ao bisturi e ao cotonete – é, ironicamente, chamado de “mecânico”. Uma outra alternativa poderia ser o processo químico, com a ajuda de solventes e outros produtos semelhantes. “Neste caso chegámos à conclusão de que essa alternativa não seria viável pois poderia danificar a imagem. Qualquer peça que nos chegue às mãos é submetida a observação e análise, de forma a percebermos qual o tipo de trabalho que a ela mais se adequa”, explica Joana

Magalhães, que logo fala da necessidade de um “diagnóstico” correcto e do levantamento de “patologias”.

Os dedos da imagem apresentam fendas que também serão corrigidas. Mas, há outras peças que chegam ao Gabinete e que apresentam condições bem piores, chegando mesmo a incluir a total ausência de alguns elementos. “Nem sempre fazemos a reconstituição da peça. No caso de esculturas que serão expostas ao público e que pertencem a locais de culto, sim, é esse o procedimento normal. Quando se destinam a um museu, nem sempre. E para haver reconstituição tem que haver linhas orientadoras ou de continuidade, não vamos estar a inventar elementos!”, sublinha. Adições e novidades são etapas a adiar sempre que possível. O objectivo primordial dos restauros passa por recuperar a originalidade das peças.

“Restauro não é fazer a peça nova. Ele pretende, essencialmente, levar a peça àquilo que era quando foi concebida. Quando temos que colocar numa peça algo de novo, temos a preocupação de assinalar que introduzimos uma novidade. Evitamos até ao limite intervencionar a peça com qualquer coisa de novo, tentamos sim colocar a peça na sua beleza original”, sublinha o cônego José Paulo.

Nem sempre o trabalho de restauro é compreendido, embora comece a existir uma maior sensibilização por parte da sociedade em geral para o valor do genuíno, do original. “Não é só o «bonito e brilhante» que interessa. Há muito mais valor numa peça para além do que os nossos olhos conseguem ver. De cada vez que uma peça é pintada, retocada ou alterada, grande parte do valor histórico e patrimonial desaparece”, explica Joana. Juliana Ferreira, que trabalha no Gabinete há cerca de cinco anos como técnica auxiliar, diz que a escultura à sua frente deitada é o maior desafio que ali já enfrentou. A conclusão do seu restauro está prevista para Fevereiro, o que se traduz em muitas horas, dias e meses de trabalho, acompanhados de uma “paciência infinita”, como nos é explicado. “Mas gosto, gosto muito daquilo que faço”, diz, sorrindo. O gosto pela conservação e restauro parece ser hereditário: é filha de Casimiro e neta de outro entalhador. Enquanto falamos, o bisturi vai continuando a raspar as camadas policromáticas da escultura. As técnicas nunca chegam a desligar completamente o olhar daquilo que estão a fazer enquanto falam connosco. Os olhos das duas mulheres, que vão piscando incessantemente por influência das fortes luzes, denunciam a minúcia do trabalho. De vez em quando esticam e ajeitam o pescoço, os braços e as pernas, dormentes à força da posição em que têm que estar por tempo prolongado. Ainda assim, as duas são unânimes quando dizem que é com grande satisfação e gosto que vêem a conclusão de cada um dos trabalhos levados a cabo pelo Gabinete.

JOANA
MAGALHÃES

CASIMIRO
FERREIRA

JULIANA
FERREIRA

Gabinete de Conservação e Restauro da Arquidiocese de Braga – que funciona sob a alçada do Instituto de História e Arte Cristãs (IHAC) – nasceu há uma década atrás

e tem como finalidade ajudar a diocese no restauro do património que precisa de ser intervencionado. São muitos os factores de degradação que levam à necessidade de tratamento das mais variadas peças. Os danos mais frequentes estão associados à madeira e são causados pela formiga branca, que atinge sobretudo a talha. O fumo constante de velas e as luzes excessivas que incidem sobre as esculturas, imagens e peças potenciam também uma certa degradação. Ficamos surpreendidos quando o cônego José Paulo, Director do Gabinete, nos



VEJA O VÍDEO DA REPORTAGEM
www.arquidiocese-braga.pt

“CUMPRIU-SE HOJE MESMO A PASSAGEM DA ESCRITURA QUE ACABAIS DE OUVIR”

III DOMINGO
COMUM C

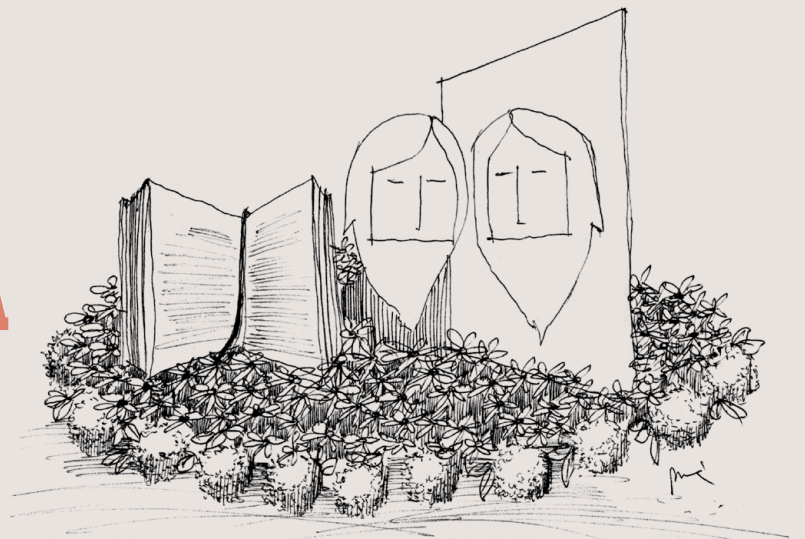


ILUSTRAÇÃO DA ARQ. MARIA TAVARES

SUGESTÃO DE CÂNTICOS

- **ENTRADA:** *Cantai ao Senhor um cântico novo*, F. Santos (BML 75-76 / NCT 210).
- **APRESENTAÇÃO DOS DONS:** *O Espírito de Deus repousou sobre mim*, Az. Oliveira (NRMS 58 / IC, p. 188).
- **COMUNHÃO:** *Formamos um só corpo*, C. Silva (NCT 265)
- **FINAL:** *O amor de Deus repousa em mim*, M. Luís (NCT CEC II, p. 21-22 / NCT 388).

EUCOLOGIA

Orações próprias do Domingo III do Tempo Comum
(*Missal Romano*, p. 397).
Oração Eucarística V/A com prefácio próprio (*Missal Romano*, p. 1158ss).

LITURGIA DA PALAVRA

LEITURA I Ne 8, 2-4a.

Leitura do Livro de Neemias

Naqueles dias, o sacerdote Esdras trouxe o Livro da Lei perante a assembleia de homens e mulheres e todos os que eram capazes de compreender. Era o primeiro dia do sétimo mês. Desde a aurora até ao meio dia, fez a leitura do Livro, no largo situado diante da Porta das Águas, diante dos homens e mulheres e todos os que eram capazes de compreender. Todo o povo ouvia atentamente a leitura do Livro da Lei. O escriba Esdras estava de pé num estrado de madeira feito de propósito. Estando assim em plano superior a todo o povo, Esdras abriu o Livro à vista de todos; e quando o abriu, todos se levantaram. Então Esdras bendisse o Senhor, o grande Deus, e todo o povo respondeu, erguendo as mãos: “Amen! Amen!”. E prostrando-se de rosto por terra, adoraram o Senhor. Os levitas liam, clara e distintamente, o Livro da Lei de Deus e explicavam o seu sentido, de maneira que se pudesse compreender a leitura. Então o governador Neemias, o sacerdote e escriba Esdras, bem como os levitas, que ensinavam o povo, disseram a todo o povo: “Hoje é um dia consagrado ao Senhor vosso Deus. Não vos entristeçais nem choreis”.

– Porque todo o povo chorava, ao escutar as palavras da Lei. Depois Neemias acrescentou: “Ide para vossas casas, comei uma boa refeição, tomaí bebidas doces e reparti com aqueles que não têm nada preparado. Hoje é um dia consagrado a nosso Senhor; portanto, não vos entristeçais, porque a alegria do Senhor é a vossa fortaleza”.

SALMO RESPONSORIAL Salmo 18 B (19)

Refrão: As vossas palavras, Senhor, são espírito e vida.

LEITURA II Cor 12, 12-14.27

Leitura da Epístola do apóstolo São Paulo aos Coríntios

Irmãos: Assim como o corpo é um só e tem muitos membros e todos os membros do corpo, apesar de numerosos, constituem um só corpo, assim sucede também em Cristo. Na verdade, todos nós – judeus e gregos, escravos e homens livres – fomos baptizados num só Espírito para constituirmos um só corpo e a todos nos foi dado a beber um só Espírito. De facto, o corpo não é constituído por um só membro, mas por muitos. Vós sois corpo de Cristo e seus membros, cada um por sua parte.

EVANGELHO Lc 1, 1-4; 4, 14-21

Evangelho de Nosso Senhor

Jesus Cristo segundo São Mateus

Já que muitos empreenderam narrar os factos que se realizaram entre nós, como no-los transmitiram os que, desde o início, foram testemunhas oculares e ministros da palavra, também eu resolvi, depois de ter investigado cuidadosamente tudo desde as origens, escrevê-las para ti, ilustre Teófilo, para que tenhas conhecimento seguro do que te foi ensinado. Naquele tempo, Jesus voltou da Galileia, com a força do Espírito, e a sua fama propagou-se por toda a região. Ensinava nas sinagogas e era elogiado por todos. Foi então a Nazaré, onde Se tinha criado. Segundo o seu costume, entrou na sinagoga a um Sábado e levantou-Se para fazer a leitura. Entregaram-Lhe o livro do profeta Isaías e, ao abrir o livro, encontrou a passagem em que estava escrito: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque Ele me ungiu para anunciar a boa nova aos pobres. Ele me enviou a proclamar a redenção aos cativos e a vista aos cegos, a restituir a liberdade aos oprimidos e a proclamar o ano da graça do Senhor”. Depois enrolou o livro, entregou-o ao ajudante e sentou-Se. Estavam fixos em Jesus os olhos de toda a sinagoga. Começou então a dizer-lhes: “Cumpru-se hoje mesmo esta passagem da Escritura que acabais de ouvir”.



ITINERÁRIO

FISIONOMIA DO
DISCÍPULO MISSIONÁRIO

Discipulado.

CARACTERÍSTICA

Escutar a Palavra de Deus.

CONCRETIZAÇÃO: Neste Domingo sentimos que a vida do discípulo depende do alimento abundante da Palavra. Para significar isso sugerimos que o círio colocado na semana anterior seja substituído por uma Bíblia.

MISSÃO

Nesta terceira semana do Tempo Comum vamos fazer encontro diário com a Palavra de Deus (Evangelho diário) como forma de alimentar e revitalizar diariamente a consciência da presença e da acção do Espírito de Deus em nós e nos outros.

REFLEXÃO

O terceiro Domingo (Ano C), no qual se inicia a leitura contínua do Evangelho segundo Lucas, situa-nos na temática da sacramentalidade da Palavra, na esteira dos mais recentes contributos eclesiais recebidos neste tempo depois do II Concílio do Vaticano, como o Sínodo dos Bispos, em 2008, dedicado à “Palavra de Deus na vida e missão da Igreja”. Já celebrada pelo povo da Antiga Aliança (primeira leitura) e aclamada como “espírito e vida” (salmo), a Palavra assume a sua plena dimensão em Jesus Cristo. Ele é o Verbo feito carne que dá cumprimento a todas as promessas (Evangelho). A nós, baptizados, discípulos missionários, compete-nos promover a comunhão entre todos os membros do seu Corpo (segunda leitura).

“Todo o povo ouvia atentamente”

A mensagem central da primeira leitura aponta para a alegria causada pela redescoberta do Livro da Lei. É consensual que a sequência histórica dos factos narrados nos livros de Esdras e de Neemias não pode ser detalhada com precisão, porque existem muitas questões que não encontram neles uma resposta clara. Contudo, esta narração dá-nos a conhecer um facto importante na formação do cânon bíblico hebraico; e ajuda-nos a compreender que a redescoberta da Escritura dá força aos que a escutam e aos que a interpretam.

A afirmação de que os desígnios de Deus são preservados num conjunto de obras literárias é única no mundo antigo, um facto que só se dá em Israel. O fragmento situa-se depois do regresso do exílio na Babilónia e testemunha

um momento crucial na história das relações de Deus com Israel e com toda a Humanidade. Trata-se de uma ocasião em que o Espírito fala através das palavras escritas num rolo e, quando isto sucede, os corações humanos são tocados e transformados. A cena descreve como Esdras abriu o Livro da Lei e, à vista de toda a assembleia, a partir de um lugar elevado, leu-o com voz clara. Entretanto, “todo o povo ouvia atentamente” e respondia dizendo: “Amen! Amen!”. Que lição para as nossas assembleias litúrgicas! Assinale-se que a leitura é acompanhada por uma interpretação: muito provavelmente, englobava a tradução do texto hebraico para o aramaico, pois esta era a língua falada pela maioria do povo depois do exílio.

A narração não indica a causa da tristeza entre o povo, mas destaca com mais clareza que se trata de um momento gozoso e libertador por causa da comunicação que brota da palavra: “A alegria do Senhor é a vossa fortaleza”.

A narração do livro de Neemias mostra o nascimento da profissão de fé estritamente unida à Escritura que se assume como Sagrada. Esdras e Neemias propõem-na como fundamento da identidade do povo. Lucas há-de apresentar Jesus Cristo dizendo que nele se cumpre toda a Escritura. A palavra escrita dá lugar à Palavra feita carne “descida ao coração de todo o crente”. O fundamento da identidade cristã “amadurece constantemente no conhecimento, amor e seguimento de Jesus Mestre, se aprofunda no mistério de sua pessoa, de seu exemplo e de sua doutrina” (*Documento de Aparecida*, 278).

Reflexão preparada por Laboratório da Fé | in [www.laboratoriodafe.net](#)

ELEMENTOS CELEBRATIVOS A DESTACAR

Saudação inicial do Presidente

A graça e a paz de Nosso Senhor Jesus Cristo, cabeça da Igreja que é o Seu Corpo, estejam convosco.

Preparação penitencial

V/ Senhor, que em cada celebração nos abris o livro da Vossa Palavra: Senhor, tende piedade de nós.

R/ Senhor, tende piedade de nós.

V/ Jesus Cristo, que criastes a Igreja como um só corpo: Cristo, tende piedade de nós.

R/ Cristo, tende piedade de nós.

V/ Senhor, que fostes ungido e enviado pelo Espírito: Senhor, tende piedade de nós.

R/ Senhor, tende piedade de nós.

Evangelho

Propõe-se o uso do Evangeliário, quer na procissão de entrada, quer para a proclamação do Evangelho, com procissão no momento da aclamação.

ORAÇÃO UNIVERSAL

Irmãos e irmãs:

Oremos a Deus Pai todo-poderoso, para que a Palavra revelada e o trabalho de cada dia se tornem, para todas as pessoas, fonte de salvação, e peçamos (ou cantemos), confiadamente:

R. Senhor, vinde em nosso auxílio.

1. Pela nossa Igreja e por todas as comunidades separadas que procuram com sinceridade a unidade e respeitam as riquezas espirituais umas das outras, oremos.
2. Pela nossa Arquidiocese de Braga, que neste ano missionário nos quer fazer sentir a responsabilidade do anúncio feliz da presença e da acção de Jesus ressuscitado, oremos.
3. Pela nossa Pátria e por todas as nações que procuram trilhar caminho de autêntico progresso na paz, justiça, liberdade, respeito mútuo e concórdia, oremos.
4. Por aqueles que anunciam o Evangelho e se deixam conduzir pelo Espírito que os pode ensinar a falar como Jesus, ao explicar a Palavra na sinagoga de Nazaré, oremos.
5. Por todos os que sofrem e desanimam e pelos que encontram quem lhes mostre que Deus pode vir em sua ajuda para os confirmar na esperança e na alegria, oremos.
6. Por todos nós aqui reunidos no Senhor, disponíveis para que hoje se cumpra também em nós a passagem da Escritura que escutámos, oremos.

Concedei, Senhor, à vossa Igreja a graça de saber anunciar, com fidelidade, a Boa Nova que o vosso Filho Jesus Cristo proclamou na sinagoga de Nazaré. Ele que vive e reina por todos os séculos dos séculos.

ADMONIÇÃO FINAL

A Palavra de Deus trouxe-nos a boa notícia da presença e da acção de Deus! O Pão da Vida e da unidade, alimenta a nossa vontade de prosseguir no caminho como discípulos missionários. Abramo-nos à Bênção de Deus que nos faz sentir com alegria, a certeza da acção da Sua Graça em nós.

BÊNÇÃO E ENVIO

Bênção Solene Tempo Comum V (*Missal Romano*, p. 562).

Olive
&
Noé

ARQUIDIOCESE PROGRAMA RETIROS PELA MISERICÓRDIA

“Recebe e oferece a Misericórdia” é o tema do retiro direccionado aos Agentes de Pastoral da Educação Cristã da Arquidiocese de Braga, marcado para dia 30 de Janeiro no Centro Apostólico do Sameiro. A iniciativa, orientada pelo Pe. Manuel Morujão, Missionário da Misericórdia, decorre entre as 9h30 e as 19h. O cônego Luís Miguel Rodrigues, Vigário Episcopal para a Educação Cristã, explica que no âmbito do Ano Jubilar da Misericórdia, “a Arquidiocese de Braga promove uma série de retiros focados na Misericórdia, destinados a todos os agentes de pastoral, a todos os cristãos”. Na agenda está já marcado um retiro para os Ministérios e Serviços Litúrgicos, dia 20 de Fevereiro, outro para os Agentes da Pastoral Social, dia 27 de Fevereiro, e ainda um para as Famílias e Movimentos, dia 5 de Março.

“RECEBE E OFERECE A MISERICÓRDIA”
RETIRO
AGENTES DE PASTORAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ

30 JAN
CENTRO APOSTÓLICO DO SAMEIRO
09h30 - 19h00

Inscrições nos Serviços Centrais ou www.arquidiocese-braga.pt

Orientador
Pe. Manuel Morujão

ANO JUBILAR DA MISERICÓRDIA

20.02.2016
Ministérios e Serviços Litúrgicos

27.02.2016
Agentes da Pastoral Social

05.03.2016
Famílias e Movimentos

AGENDA

15.01.2016 A 30.01.2016

“PERSPECTIVAS” — EXPOSIÇÃO

Casa dos Crivos

15.01.2016

“OS JESUÍTAS NA CIDADE DE BRAGA” — SESSÃO DE HISTÓRIA LOCAL

21h15 / Biblioteca Lúcio Craveiro

17.01.2016

CONCERTO DE ANO NOVO

18h30 / Faculdade de Teologia

19.01.2016

“CIÊNCIA E FÉ: O AVANÇO DA CIÊNCIA E O RECUE DE DEUS”

18h00 / Biblioteca Lúcio Craveiro

NOMEAÇÕES ECLESIASTICAS

Dom Jorge Ferreira da Costa Ortiga, por mercê de Deus e da Santa Sé, Arcebispo de Braga e Primaz das Espanhas; Perante novas necessidades pastorais e procurando responder às suas exigências, procedo à seguinte nomeação:

— Padre Dex — Steve Goyéko, nomeado pároco “IN SOLIDUM” da paróquia do Divino Salvador de Balazar, Arciprestado de Guimarães e Vizela, sendo Moderador o Padre Abel Braga Arantes de Faria.

Braga e Cúria Arquiepiscopal,
14 de janeiro de 2016

† Jorge Ferreira da Costa Ortiga,
Arcebispo Primaz
João Paulo Coelho Alves, Chanceler



Faça um Like



Siga-nos no **Facebook**

FICHA TÉCNICA

Director: Damião A. Gonçalves Pereira
Coordenação: Departamento Arquidiocesano da Comunicação Social (Pe. Tiago Freitas, Pe. Paulo Terroso, Ana Pinheiro, Filipa Correia), Flávia Barbosa
Design: Romão Figueiredo
Fontes: Agência Ecclesia e Diário do Minho
Contacto: comunicacao@arquidiocese-braga.pt

LIVRARIA DIÁRIO DO MINHO



VÁRIOS

PEQUENOS PASSOS POSSÍVEIS

Em “Pequenos Passos Possíveis”, Chiara Corbella Petrillo (autora do livro “Nascemos e Jamais Morreremos”) é-lhe apresentada da perspectiva daqueles que a conheceram — familiares, amigos, médicos, sacerdotes. Através deste livro poderá encontrar-se com aqueles que viveram mais de perto a sua experiência de fé. “Como a Virgem Maria, nunca falas de ti, mas do teu Amor. Como te pareces com ela. Foi ela quem te apresentou o seu Filho, e tu agora fazes o mesmo connosco”, escreve o marido Enrico na apresentação do livro.

PVP
€ **9**
10%*
Desconto

* Na entrega deste cupão. Campanha válida de 14 a 21 de Janeiro de 2016.